



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

Há uns anos atrás, lemos uma crónica no jornal "O Primeiro de Janeiro" subscrita por Daniel Constant, onde este jornalista e apreciável pintor dava notícia de dois acontecimentos similares, ambos ocorridos na mata do Bom Jesus de Braga. Num primeiro momento uma excursão de estrangeiros, trazidos por uma camioneta, parara na referida mata para almoçar. Os seus componentes comeram, beberam e divertiram-se à grande. Já à tardinha levantaram voo, que é como quem diz, arrumaram os seus pertences e foram à vida. O cronista atrás referido foi ver depois o local onde o grupo bivacara e constatou que o sítio se mantinha irrepreensivelmente limpo.

UMA QUESTÃO DE CULTURA

Uma semana depois e no mesmo local, foi a vez de se amerendarem um grupo de portugueses. No final, ou seja, passado pouco tempo depois do grupo se pôr a milhas, o jornalista, que estanciara uns tempos por aquelas bandas, passou pelo local, então já ermo, e verificou, com grande mágoa patriótica, que aquele pedaço de arvoredo se tinha transformado numa lixeira. A diferença entre nacionais e estrangeiros estava ali, salvo as respectivas excepções.

Esta crónica grudou-se-nos bastante à memória no domingo, dia 25 de Maio. Vimos os antigos jocistas, que vieram a Fão realizar o 22.º Encontro, prepararem-se para almoçar, sob as acolhedoras tílias da Alameda - a nossa formosa Alameda que é a melhor sala de visitas de Fão - lembrámo-nos da crónica de Daniel Constant e dissemos para nós: "mais uma estrumeira vamos ter".

Ao fim do dia passámos por lá para ver como a coisa estava. E com grande admiração nossa verificámos que estava tudo *limpíssimo*. Respirámos de alívio. Não sabemos se a presença dos sacos de lixo que por lá foram disseminados foi motivo para os "excursionistas" se sobrestarem ou se houve avisos prévios e insistentes para que não conspurcassem o local. O certo é que estava tudo em ordem.

Será que os portugueses evoluíram em

(Continua na pág. 2)

DO LAR DE D. PEDRO V, DE BRAGA, RECEBEMOS A CARTA QUE A SEGUIR SE TRANSCREVE:

Braga, 29 de Abril de 1996
Ex.mo Senhor
ARMANDO SARAIVA
Director de O NOVO FANGUEIRO
FÃO

Por mão intermediária e amiga, chegou à Direcção do LAR DE D. PEDRO V, um recorte de "O NOVO FANGUEIRO", de 10 de Abril, em que zeloso editorialista avança sugestões no sentido de encontrar terrenos para um parque de automóveis, na sua justamente simpática VILA de FÃO. Nessa busca abre aos leitores a hipótese de que "o quintal das freirinhas servia, à maravilha, para uma feira e estacionamento de carros".

Para justificar a ideia, menciona o facto de "o pessoal do Asilo (agora é Lar) não frequentar a praia de FÃO há já bastantes anos", e adianta, por conta própria, a dúvida de a casa e o quintal estarem a ser destinados a outro fim, contrariando a vontade explícita da testadora D. Belarmina do Lau. Para tão exaltada inspiração, alega que "o estado de abandono a que as mesmas (propriedades) foram votadas está a prejudicar a terra de FÃO".

Quanto a "prejudicar a terra de FÃO", pelo aspecto de autêntico pardieiro, estamos de acordo; somos nós mesmos a lamentar o estado a que aquilo chegou, impossibilitando, por isso, as férias à beira-mar.

Vimo-nos, porém, confrontados com um dilema angustiante, devido à falta de meios: ou fazer obras na casa de FÃO e promover férias às educandas deste Lar, o que corresponderia a dois meses de utilização prática, além de uns fins-de-semana casuais, ou realizar obras absolutamente indispensáveis no complexo de Braga, para as quais o CENTRO REGIONAL DE SOLIDARIEDADE SOCIAL se mostrava mais receptivo, com subsídios determinantes, por ser mais essencial à Instituição e conforme ao sentido das subvenções estatais.

Foi assim que, embora magoados pela derrocada da casa de férias, se lançaram mãos, primeiro, à obra de Braga, a qual vai em bom ritmo, com a primeira fase já concluída e inaugurada pelo Senhor Ministro da Solidariedade e Segurança Social.

Entretanto, a colónia de férias não ficou no esquecimento. São já decorridos cerca de 10 anos que se fez um levantamento topográfico e, pouco depois, um projecto de reconstrução, que só não foi avante por não agradar a toda a Direcção daquela altura.

Antes desses tempos, andámos em negociações com a Misericórdia de FÃO, no objectivo de trocarmos a nossa propriedade por

terrenos do Hospital, mais acessíveis ao mar. Aliás, o ponto de vista da Misericórdia era justamente um parque infantil para a Vila de Fão. Não foi possível chegar a um acordo, embora prosseguisse o melhor relacionamento entre as duas direcções.

Também entidades da freguesia de Fão beneficiaram do nosso terreno durante alguns anos para jardim infantil, nos meses em que as alunas do LAR DE D. PEDRO V não passavam lá as férias, e tudo isto por um contrato pecuniário meramente simbólico...

O que mais estranhámos no referido editorial foi o facto de se dar a entender que o LAR DE D. PEDRO V, de BRAGA, vive de costas viradas para o problema da casa de FÃO, quando é certo que a própria Ex.ma Câmara de Esposende está perfeitamente dentro do assunto e tem até colaborado connosco no melhor sentido de se valorizar o terreno para concretizar o projecto de obras, instrumento técnico já pronto a seguir para a frente.

O mesmo Ex.mo Senhor Ministro Dr. Eduardo Ferro Rodrigues também nos deu as melhores esperanças, de forma que a população interna do LAR de D. Pedro V possa reatar o direito de férias num prédio condigno da vizinha e querida praia de FÃO.

Receba, Senhor Director de "O NOVO FANGUEIRO", os melhores cumprimentos.

Pelo Lar de D. Pedro V
O Presidente da Direcção
Monsenhor Américo Ferreira Alves

COOPERATIVA CULTURAL: Surge et ambula

No dia 22 de Maio a Cooperativa Cultural de Fão reuniu para uma Assembleia Geral que tinha como principal objectivo a eleição de novos corpos gerentes. Apareceu pouca gente, como tinha acontecido umas semanas antes que até por isso nem se realizou. Desta vez estavam mais pessoas, mas isso, resultou de um apelo quase patético que a nossa querida amiga D. Cecília fez no dia em que o nosso jornal comemorou 12 anos. O seu apelo destinou-se também aos de fora que se encontravam no mencionado repasto. E por isso mesmo, ou seja, pelo seu recente apelo os nossos bons amigos Fernando Almeida mais a esposa, e ainda o engenheiro Armando Assunção e Maria Antónia Colaço compareceram e ofereceram-se para trabalhar.

(Continua na pág. 3)

E AÍ VÃO 12!

Por MARIA EMÍLIA CORTE REAL

Pois como é do conhecimento geral “O Novo Fangueiro” completou 12 anos de existência.

Não vamos aqui referir o muito de dedicação, de empenhamento, de boa vontade e até de espírito de sacrifício que são os condimentos que sustentam um jornal numa localidade geograficamente pequena. Mas *só geograficamente* pequena. Em muitas e positivas coisas Fão é *grande* e, como tal, merece o “seu” jornal.

tradicional e sempre artística lembrança que o senhor Fernando de Almeida, em nome de todos os colaboradores costuma oferecer. Aí recordámos, também, os anunciantes e os assinantes que são, em certa medida, o suporte de “O Novo Fangueiro”.

Houve, como sempre, os mais ou menos inflamados discursos, mas, para além do habitual, houve uma nota diferente neste jantar, e que nos parece digna de registo, pois veio

Agora cada um irá retomar as suas actividades do quotidiano. “O Novo Fangueiro” continuará – assim o esperamos e desejamos – a entrar em vossas casas, seja em Fão, seja em qualquer outra parte do mundo. Com a alegria de sempre. Fruto da mesma dedicação da primeira hora, do mesmo empenhamento e da mesma boa vontade. Por mais um ano. Por muitos mais, se Deus quiser.

E com a esperança de, no Maio do próximo ano, nos podermos sentar à mesma mesa a festejar o 13.º aniversário.

Que assim seja!



O Director e a Chefe de Redacção rodeados das colaboradoras Cecília Amorim e Salomé Alves Pereira

E todos os que nele intervêm, quer a Direcção, quer a Administração, quer o corpo redactorial, se regozijam a cada ano que passa e que vem somar-se aos anteriores. Por isso, como habitualmente, se reuniram no dia 11 de Maio último num jantar de aniversário no impecável Restaurante “Rita Fangueira”. Aí se confraternizou, aí o Director recebeu a já

emprestar um cunho diferente à festa. Foi assim:

Noutra mesa, na mesma sala, encontrava-se um grupo de cerca de doze estudantes universitários, também eles em alegre confraternização.

Quando se aperceberam daquilo que se festejava na nossa mesa aderiram simpaticamente, souberam até refrear a sua natural e ruidosa alegria enquanto duravam os discursos do lado de cá. E, tendo a administradora mandado oferecer-lhes espumante e fatias de bolo de aniversário, eles brindaram-nos com a tradicional saudação académica: “E para o ‘Fangueiro’ não há nada?”... Durante horas compartilharam da nossa alegria, cantando os “Parabéns”, aplaudindo com fartas palmas os discursos, e por fim homenageando-nos com outra saudação académica, original e engraçadíssima. foi bom. Foi bonito ver esta juventude, alegre mas correcta e equilibrada, estabelecer uma ponte até nós, os mais velhos. Foi como que um diálogo de gerações, sempre gratificante e promissor.

E, marcada por este ambiente de são convívio, de calor humano, de franco entusiasmo e de fé no amanhã, terminou a festa.

Editorial

(Cont. da pág. 1)

questões de civismo? É crível que sim. A crónica daquele jornalista portuense foi escrita há mais de 30 anos. Entretanto a democratização do ensino começou a desenvolver-se em Portugal desde há uns tempos a esta parte. Os estrangeiros visitam-nos amiúde e trazem consigo hábitos de higiene. Os portugueses também se acostumaram a visitar o estrangeiro e apreenderam o que lá se faz. Depois são os jornais a fazer campanhas e tudo isto contribui para a enculturação das gentes. Com a enculturação adquirem-se novos hábitos. No fundo é tudo uma questão de cultura.

OBRAS NA IGREJA DA MISERICÓRDIA

A Igreja da Misericórdia sem ser um templo de grande riqueza artística tem a sua patine, tem o seu estilo, embora tivesse sido construída ou acrescentada ao longo dos séculos: XVII e XVIII. Como já tem bastantes anos é normal que vá erodindo com o tempo.

Neste momento está a precisar de obras que atiram lá para os dois, três mil contos. Não são obras com uma abrangência total. Há necessidade de reparar para já os telhados, de retocar os tectos, de reconstruir janelas, de fazer o reboco das paredes, tanto por dentro como por fora.

Como se pode constatar, trata-se de um templo muito visitado por forasteiros, tanto nacionais como da estrangeira. Os fangueiros têm orgulho nas suas igrejas e o certo é que os seus três principais templos – Matriz, Misericórdia e Bom Jesus – mercê do bairrismo dos fangueiros, apresentam-se mais ou menos bem conservados.

O que não quer dizer que não precisasse de reparações como é o caso da igreja da Misericórdia. Vão iniciar-se de imediato as obras acima referenciadas e a direcção da Santa Casa da Misericórdia espera que os fangueiros cooperem com o bairrismo de sempre.

Em caso de dúvida
nalguma palavra
deste jornal,
dedique-se por uns momentos
a outra leitura.



7ª Edição. Mais completa e actualizada.

PORTO EDITORA

COOPERATIVA CULTURAL: Surge et ambula

(Continuado da pág. 1)

Dizemos ainda que a nossa colaboradora Cecília Amorim fez um apelo caloroso e isso tocou fundo no coração dos presentes. Mas não foi só o apelo ou a veemência do apelo. Foi geralmente o seu exemplo de pessoa sacrificada e dedicada às coisas de Fão. É que na verdade a D. Cecília deslocou-se de propósito de Lisboa no dia 10 de Maio para assistir à assembleia de "O Novo Fangueiro" e ainda para o dia onze comemorar o aniversário do jornal. Voltou no dia 25, mas, já tinha vindo duas semanas antes para tomar parte na Assembleia da Cooperativa e disse que estaria no dia 25, de novo para não faltar à Assembleia. E isto tudo a acontecer numa pessoa que já conta 82 anos. Oitenta e dois anos cheios de genica e de amor por Fão.

Pois ela não faltou e animou fortemente a reunião que aprovou as contas e votou novos corpos gerentes que passaram a ser os seguintes:

Presidente da Assembleia Geral - dr. Armando Saraiva, dr. Jorge Ribeiro e D. Cecília Amorim. Presidente do Conselho Fiscal - Luís Viana, Adelino Saraiva e dr.ª Rosa Torres. Presidente da Direcção - N. Óscar Viana, António Viana, Emílio Real Moraes, José Maria do Vale e António Teixeira Dias. Comissão de Apoio - Artur Costa, António Moraes Gomes, João Armando Solinho e D. Zita Saraiva.

O problema principal é a falta de de uma sede. Ao que consta, o rev. Prior de Fão cede uma sala daquelas que estão a ser construídas nos baixos do salão. Dizem-nos também que as "freirinhas" facilitam uma das suas salas da antiga casa de D. Belmira do Lau. Por sua vez, a Junta diz não dispor de qualquer aposento no edifício que recentemente adquiriu e que pertenceu ao Comandante Regadas.

O certo é que a Cooperativa Cultural sem uma sede própria não dispõe das melhores condições para viver. É preciso que as entidades competentes dêem uma ajuda e se consciencializem que uma cooperativa (chamem-lhe o que quiserem) é vital para o desenvolvimento cívico de Fão, dadas as suas características e a sua rica tradição.

No final da Assembleia a Direcção propôs que o fundador da Cooperativa e seu grande amigo José Feliciano Duarte, actualmente a lutar com falta de saúde, fosse eleito presidente Honorário da Cooperativa Cultural de Fão. A proposta foi aprovada por aclamação.

A Direcção eleita espera a colaboração de todos os fangueiros e amigos de Fão e tem bem presente que não poderá dar concretização ao que tem em mente sem o apoio da autarquia.

REABERTURA DO MUSEU SOARES DOS REIS

(Continuado da pág. 12)

objecto, são como o pulsar do coração do tempo. Representam formar de pensar e de sentir de várias épocas e a sensibilidade e conceito estético dos artistas.

E mais: o empenhamento e quase devoção de dois Homens que acreditam na força da linguagem universal da Arte.

Venham ver!

MARIA EMÍLIA CORTE REAL

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

O ENSINO PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO HÁ 70 ANOS - ELEMENTOS HISTÓRICOS

Desapareceu o estabelecimento de ensino que muito contribuiu para o desenvolvimento na era moderna, da juventude de Esposende. A Escola Preparatória é, hoje, a precursora do ensino particular instalado há mais de 70 anos.

O Colégio Infante de Sagres aparece após o regresso a Esposende, da Família Almeida Carvalho, após largos anos de ausência, em Coimbra.



CASA DO ARCO

A ideia, embora nova, ferve na espírito de Álvaro Carvalho, pois as dificuldades das famílias modestas, de mandarem os seus filhos estudar para fora, constituía um bom motivo para a criação do Colégio.

De parceria com o dr. Mário Tavela Lobo, ao tempo notário, a ideia toma forma e começa a funcionar em 13 de Outubro do ano lectivo de 1945/46, sendo nomeada directora a dr.ª Mariberta Carvalho de Almeida d'Abreu. Era a fundação do Colégio Infante de Sagres. Casa do Arco, edifício antigo, depois de algumas obras de adaptação, recebe os primeiros alunos para frequentarem o curso geral do comércio e o primeiro ciclo liceal,

ao tempo, até ao 3.º ano.

No ano lectivo seguinte, a Direcção do Colégio passa para Álvaro Carvalho que mantém funções até 1950. Vítima de doença incurável, desaparece esta já prestimosa figura de esposendenses. Os alunos da fundação, por certo, jamais esquecerão a figura ímpar do seu professor de Coreografia recordado, aliás, no I Encontro dos antigos alunos, em 14 de Setembro de 1985, Hotel do Pinhal.

Com a morte do principal dinamizador, em 1950, o Colégio é adquirido por Agostinho Rua Reis, José Fernandes e Luís Figueiredo, vindos de Barcelos.

Em 1952, Agostinho Reis adquire todas as secções da sociedade e assume a plenitude do Colégio, mantendo as funções de Director. Inicia, então, diligências para novo edifício, com melhores condições de funcionalidade.

A Casa do arco (hoje Biblioteca Municipal) é abandonada por insuficiência de instalações e de conservação. No Largo Tomás de Miranda, depois de obras de adaptação de difícil arrendado, entra em funcionamento, recebendo alunos a frequentarem o curso geral dos Liceus (5.º ano), pela primeira vez, em Esposende.

Depois, junto ao Hospital, construído de raiz, ergue-se um edifício adaptado às exigências da época que em 1973, é vendido ao Ministério da Educação, onde já funcionava o Ciclo Preparatório, até ao 2.º ano. Estava garantida a continuidade do ensino no Concelho.

Extinto o Colégio Infante de Sagres, logo se l um sério e preocupante problema: onde prosseguir os estudos dos jovens matriculados do Ciclo Preparatório?

A imprensa local e de expansão nacional devotou-se na divulgação do problema que os pais e encarregados de educação lançaram junto das entidades ligadas ao ensino, em especial, o presidente da Câmara Municipal, o prof. Carlos de Oliveira Martins. As pressões foram muitas sendo criado o ciclo unificado com a promessa de se instalar cada ano até ao máximo estabelecido. Devido ao Movimento Militar de 25 de Abril de 1974, houve grandes transformações no estilo e na

(Continua na pág. 6)



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 80 91 018 - 80 63 748 - FAX 86 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 759 7208



O BOM JESUS DE FÃO SAIU O BOM JESUS À RUA!



Domingo, 5 de Maio, saiu o Bom Jesus à rua!
O povo de Fão viveu um dia inesquecível em que todos se irmanaram e entreajudaram para honrar o Bom Jesus.

Como foi lindo ver toda a população de Fão dedicada à tarefa de enfeitar as ruas da nossa Vila com um formoso tapete de flores, numa extensão de cinco quilómetros!

Aqui viu-se o bairrismo fangueiro!

E o Bom Jesus saiu da sua Capela aos ombros dos Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Fão, de opas negras, ladeados por lanternas, empunhadas por membros dessa Irmandade.

Soldados da Guarda Nacional Republicana, a cavalo, abriam o cortejo.

E os nossos Bombeiros, com suas fardas de gala, marchavam garbosamente (que Corporação a sério!). E, junto ao seu quartel, prestaram a sua homenagem ao Bom Jesus fazendo soar estridentemente a sirene e, depois, os soldados da Paz levaram aos ombros o Bom Jesus até ao Ramalhão.

Durante a procissão, homens com opas róseas (Irmandade do Bom Jesus) ou opas negras (Misericórdia) revezaram-se no transporte do andor.

E o Bom Jesus abençoava as nossas ruas, os nossos campos, as nossas casas, os nossos corpos e as nossas almas.

De todas as casas, engalanadas com colchas, choviam pétalas de flores sobre o andor. E o povo ajoelhava à passagem da Imagem do Senhor!

Os corações pulsavam mais fortes em amor pelo Bom Jesus e, todos comovidos, reverenciavam o Salvador.

As criancinhas, vestidas de Bom Jesus (25) ou outras figuras de santos, fizeram estoicamente tão grande caminhada, alegres e contentes: era tudo em louvor do Senhor Bom Jesus!

E todas as Confrarias, com as suas bandeiras e suas opas acompanhavam o Senhor.

Debaixo do Pálio do Bom Jesus, ladeado por lanternas, ia o nosso Prior, transportando uma relíquia da Vera Cruz de Cristo: era a bênção do próprio Cristo que caía sobre este bom povo. Era como se o próprio Jesus caminhasse pelas ruas de Fão!

Ao pálio e lanternas revezaram-se homens de opas negras (Misericórdia) e opas vermelhas (Santíssimo Sacramento).

Atrás do pálio seguia o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende, o Comandante dos Bombeiros de Fão e a Comissão de Festas (Senhoras).

No ar estoiravam foguetes. Os sinos repicaram de alegria!

Foi uma jornada de fé, que perdurará na memória de todos que a ela tiveram a dita de assistir.

Bem hajam as Senhoras da Comissão de Festas. Estão de parabéns. Encerraram com chave de ouro o seu ciclo de trabalho!



PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Então que tal essa coragem para as provas globais, específicas, aferição, etc.? É duro, exige muito trabalho, empenhamento e vontade. Mas vamos lá, dar tudo por tudo? Depois, os bons resultados e as férias serão o merecido prémio. O. K.?

E já que falamos em provas, aqui vai uma correcção: na página jovem do mês passado, por gralha tipográfica consta que ela dura há 1200 meses! Nada disso. Dura há cem meses... e graças a vós!...

A CRÓNICA DO DESALENTO

Por JOSÉ JOÃO

Não consigo ficar indiferente quando todos os dias sou confrontado com notícias, nos diversos órgãos de comunicação social, que dão conta de autênticos atropelos aos direitos individuais de cada cidadão.

Vejam-se os casos de Timor, China e Médio Oriente onde é a população civil quem paga a factura do ódio e estupidez desses senhores que ocupam o poder.

Mas, talvez mais flagrantes, sejam alguns episódios que ocorrem ao nosso lado. Refiro-me às cargas policiais sobre desempregados, estudantes e eventuais manifestantes, passando por atentados racistas ou acabando no menosprezo a que submetemos quem está atado nas teias da droga.

Pena é que quando estas situações são conhecidas, volvido algum tempo, caíam no esquecimento ou apenas servem para mais um discurso politicamente correcto na Assembleia da República.

Frases feitas não acabam nem atenuam os acontecimentos que se registam nesta sociedade, onde a máxima do "salve-se quem puder" está aplicada a quase tu. O que realmente urge é acabar com a hipocrisia que nos rodeia e, sempre que se justificar, demonstrar civilizadamente o desacordo para com a imoralidade que aumenta neste mundo cinzento.

Eu, acabei de o fazer.

PAUSA PARA SORRIR

No hospital de loucos, dois deles fingem que estão a telefonar um para o outro. Um deles põe uma colher de sopa junto da boca e o outro põe a dele junto do ouvido.

- Está lá? - pergunta um.

- Estou - responde o outro.

- É o senhor Pancrácio Leão que está ao telefone? - diz o primeiro.

- Não, sou o senhor Pancrácio Lobo - responde o segundo.

- Então desculpa, enganei-me na jaula - conclui o primeiro, e pousa a colher.

Uma senhora que acaba de receber uma grande herança, tendo até então uma vida pobre, resolve desforrar-se desses anos todos de pobreza e vai à cidade a um Instituto de Beleza cujo reclamo vira numa revista.

O marido vai esperá-la à saída, no carro de último modelo, e pergunta-lhe:

- Então mulher, que foste tu fazer aí dentro?

- Fui fazer uns tratamentos para ficar bonita - responde ela toda satisfeita.

- E então porque é que não ficaste? - pergunta ingenuamente o sujeito.

VOAR COM ASAS DE CHUMBO

*Sinto um peso no meu corpo
Os olhos querem fechar-se,
A força da vontade
Já não pode contra
O desejo intínseco ao ser.*

*A mente está leve
E pronta, a cada momento,
Para se escapar das mãos
Do trabalho que a prende
E esvoaçar para os seus.*

*Mundos de sonhos.
Apetece-me abrir
A porta dessa gaiola dourada,
Porta pequena
Mas que se abre*

*Para um céu imenso
De liberdade.
Mas milhões de mãos invisíveis
Empurram e fecham a porta,
Implorando em vozes roucas*

*Para que não resista,
Para que me sujeite.
É o único modo de viver
Na sociedade humana.
Mas o que é, afinal, a vida?*

MARTA

APARIÇÃO

*Agitação e energia
...Adormeço calmamente!
Choque brutal
Acorda-me de sobressalto,
Sobre o cintilar das estrelas,
Como te chamas aparição?
Calma... por fim,
Os ruídos sossegaram!
Era vento ou trovoada?
Já passou!
Sol, nasceres?
Já vejo luz,
O melhor seria adormecer...!?*

FILIPA MAGALHÃES

17 anos



Desenho de JOANA SÍLVIA (7 anos)

ESPOSENDE (Cont. da pág. 3)

organização do ensino em que a Associação de Pais do concelho de Esposende, com Estatuto aprovado em Julho de 1976, veio a ter papel relevante, sobretudo, a corrigir comportamentos.



Álvaro Carvalho fundador do Colégio Infante Sagres



O ensino preparatório e secundário entrou em Esposende muito cedo, em Outubro de 1923, com o Colégio Franco-Lusitano a funcionar em edifício da família Barros, na rua Direita. Dirigido por René Mestre Vieira, ainda hoje conhecido por Colégio das francesas a leccionar o ensino básico, preparatório e o Liceu, inúmeros jovens que por aqui passaram, atingiram importantes funções na sociedade civil do estado e nas Forças Armadas.

Entretanto, o Colégio da Quinta de Belinho, do poeta António Correia de Oliveira, iniciava a sua actividade no ano lectivo de 1931/1932, com o 1.º ciclo dos Liceus, preparando muitos alunos que singraram na sociedade portuguesa, homens de Estado, professores, entre outras actividades.

ÚLTIMO DIRECTOR DO COLÉGIO INFANTES DE SAGRES

Agostinho da Rua Reis, foi o último Director do extinto Colégio Infante de Sagres. Todas as instalações, primeiro arrendadas ao Ministério da Educação, da responsabilidade de veiga Simão, depois vendidas para aí funcionar, em definitivo, o Ciclo Preparatório de Esposende. Era o início do ensino oficial em Esposende.

Terminaram as acções e as diligências para se dotar Esposende com estabelecimento oficial de Ensino capaz de lançar a nossa juventude e, por outro lado, aliviar os pais e encarregados de educação deste peso económico na preparação dos filhos, em época difícil.

O mérito de Agostinho Reis, face aos problemas económicos e sociais, teve o condão de accionar medidas e solucionar a preparação da sociedade do futuro. Era oportuna a homenagem organizar pelos antigos alunos.

No decorrer de jantar, em conjunto com o Clube Rotário de Esposende, em 25 de Novembro de 1988, teve lugar a homenagem, com a presença do eng.º João Maria de Oliveira Martins, então Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (antigo aluno), a presidente da Câmara Municipal, Laurentina Torres Losa, representações do Rotary de Braga, Matosinhos, Viana do Castelo e de Esposende.

O homenageado recebeu, da comissão organizadora em representação dos antigos alunos uma salva de prata; do Clube Rotário, placa de prata alusiva ao acontecimento.

Na sessão solene de 19 de Agosto de 1993, Agostinho Rua Reis, recebeu a medalha de ouro de Mérito Cultural, atribuída pela Câmara Municipal, pela acção e dinamismo na evolução da cultura e do ensino no concelho de Esposende.

A tais factos não será lícito ignorar o presidente da Câmara Municipal, prof. Carlos de Oliveira Martins, do professor doutor Mota Pereira de Campos e o dr. José Bernardino Amândio, o presidente da Comissão instaladora do Ciclo Preparatório, em 1970.

MUSEU EM AGENDA

No mês de Junho, o Museu Municipal vai apresentar nova actividade.

Até ao dia 30 decorre uma exposição sobre "Gatos - colecção de miniaturas" de Fernando Pais Moreira.

Mantém-se no 1.º andar, "o conelho em visita" e no 2.º "do Paleolítico aos nossos dias".

Segue-se, na sala dos azulejos, a exposição "Poesias" - Agualeira de João Abreu, a encerrar a 3 de Agosto.

ROTEIRO

Encontra-se em distribuição o novo Roteiro Turfstico de Esposende que tem como novidade: a composição dos principais órgãos autárquicos e as Juntas de Freguesia; os arruamentos da cidade e as respectivas designações; textos de Ruy de Santinela, de Mário Gonçalves Viana, Armando Boaventura e de João de Freitas, datados de 1929(2), de 1916 e de 1928, respectivamente; poesia de Álvaro Pinheiro, extraído do Almanaque de 1928.

RÁDIO DE ESPOSENDE FESTEJA ANIVERSÁRIO

No dia 23 de Junho completam-se seis anos de emissões regulares da Rádio de Esposende, em 93.2FM.

O acontecimento será assinalado com um espectáculo de variedades, a realizar no Auditório Municipal. Do elenco, destaca-se: Emanuel (o Pimba), Tony Carreira, Nelo Silva e Cristiano, além dos artistas locais.

A programação das emissões foi alterada e tem como novidades: transmissão da missa dominical, da Matriz; Casey Top 40 e UK Top; Bom Dia Pequenada, Folclore, Brasil Tropical e 1001 Noites.

Outra novidade: a Rádio Esposende abre a emissão às 7.00 h e prolonga-se até à meia-noite, todos os dias. "Estamos sempre consigo!" é o novo dístico.

Continuam a dirigir a Rádio de Esposende, Carlos Pereira e Paulo Gonçalves.

FUTEBOL

CAMPEONATOS DISTRITAIS DA

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Chegaram ao fim os campeonatos distritais da A. F. de Braga, nos quais o C. F. Fão participou (1.ª Divisão de Honra), logrando uma excepcional classificação, exactamente o 6.º lugar, com 46 pontos.

Estão de parabéns os directores, o técnico Zé Manuel e os atletas. Como vem sendo norma, as equipas treinadas por este técnico demoram a fazer o entrosamento, o que faz as pessoas desanimarem e até mal criticarem. Homens de pouca fé. No entanto a equipa recupera, os jogadores esquematizam as jogadas, os automatismos vêm ao de cima e, para final, a equipa dá garantias.

Depois deste brilhante resultado, fazemos votos para que a Direcção continue na próxima época.

Últimos resultados: Águias de Alvelos, 0-Fão, 0; Fão, 0-Martim, 1.

QUIMIMACRO - PRODUTOS QUÍMICOS, LDA.

PRACETA ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA, 80

4405 VALADARES

TELEF. 02 - 7116571

PRODUTOS QUÍMICOS PARA TINTURARIA E LAVANDARIA

UM ARTISTA APULIENSE APRESENTA-SE

O artista nasce ou faz-se? Em nosso entender, o actor, o poeta, o escultor, o pintor e todos quantos são capazes de produzir o belo, nascem com uma certa propensão para realizar arte, mas em regra esse potencial génio ou esse génio em potência, esse artista em bruto, aperfeiçoa-se, educa-se, realiza-se, caso beneficie dos ensinamentos de uma escola ou de alguém que lhe ministre normas estéticas.

Salvo raras excepções, o artista sem escola permanecerá um artista inacabado, embora a arte que ele produza possa atingir aqui e além, o acumen artístico. Isto quer dizer que o artista autodidata pode realizar verdadeiras obras primas fora da escola e, paradoxalmente, a sua metodologia, as suas inovações, as suas distorções aparentemente ou a priori consideradas heterodoxas, servirão e modelo ou de fonte de inspiração às escolas do futuro. É neste sentido que se deve entender a afirmação de Vieira de Almeida: "a obra de arte precede qualquer norma estética". Nós acrescentaríamos ou retocaríamos: pode preceder em vez do categórico precede. É que a apreensão do belo na natureza e na vida e ainda nos objectos artísticos será, em regra, melhor conseguida quando sinalizada por parâmetros fornecidos pelos cânones estéticos.

Mas a que propósito vem estes considerandos de matiz estético filosófica? É que nós hoje queremos falar de um "amador" que vive em Apúlia e que pratica várias modalidades artísticas sem a necessária aprendizagem da escola. Chama-se José António Carlos Carvalho e tem setenta anos. É, portanto, o tal artista em bruto que cria arte à sua maneira. E que têm os seus admiradores, alguns de alto gabarito expressional, como era o caso de Henrique Medina.

Algumas vezes falei com ele. Henrique Medina vinha aqui conversar comigo. Mas nunca me ensinou nada. Dizia-me: ...tenta, rapaz, que tu há-de chegar ao fim. Eu não te ensino nada. Tu tens que ir pela tua cabeça".

Curiosamente este homem é dos que nasceu dotado, mas com várias facetas. É pintor, escultor, adora música, e ainda é mecânico, electricista e finalmente alfaiate, profissão que exerceu durante muitos anos e que lhe proporcionou razoável pé de meia.

COMO SE NASCE ARTISTA

Eu comecei pela pintura. Desde os tempos da escola que adorava pintar. As professoras, a todos os desenhos que fazia, caçavam-mos. primeiro foi a D. Ilda, depois a D. Ester. E eu não sabia que tinha jeito. Pintava, as pessoas diziam que era bonito e eu, contente, lá ia insistindo. Na escola diziam-me que continuasse e davam-me os temas. Diziam-me para pintar uma pomba e eu pintava. Outra vez disseram-me para desenhar a chuva. Depois pediram-me para pintar a noite e eu lá tive que inventar as estrelas, a lua, o luar e era assim. A certa altura foi um dia de neveiro. Tais temas eram um bocado difíceis e eu lá ia inventando. Como muita gente gostava do que eu fazia, cada vez ganhei mais vício.

Mas o Carvalhinho não se confinou à pintura.

Eu lá ia pintando. Mas também gostava de escultura. Era esse o meu grande sonho: ser escultor. No entanto é uma arte muito difícil. Eu comecei a tentar. Fiz alguns trabalhos, as pessoas ficavam contentes de os ver e isso deu-me forças para continuar. Trabalho o barro e trabalho



Não é bem arte abstracta, mas contém algo de abstracto

também a madeira. Tudo o que eu vir faço.

TEMPOS DISTINTOS PARA ACONTECER ARTE

Haverá uma idade para pintar? Haverá outra idade para esculpir?

A escultura começou quando eu me fui sentindo mais moço. Comecei a ir para o meio das bouças, pegava em ganos de pinheiro ou em outra ramagem e tentava colher formas. Eu via um gano e dizia ou pensava para mim: "estes dão uns braços, aqueles, umas pernas, aqueloutro, uma cabeça". Com aquilo tudo entrava em casa e logo principiava a trabalhar. Fazia Cristos, fazia santos, fazia outras coisas, tudo em madeira. Mas a seguir habituei-me a trabalhar em cimento, em gesso, em barro, directamente, sem moldes. Para o cimento fazia uma estrutura com rede e arame ou ferro depois pegava na massa com a mão e lá iam surgindo as formas.

Entre as várias peças construídas pelo Carlos Carvalho, pode ver-se uma estatueta que não é bem arte abstracta mas que em si contém algo de abstracto. A explicação do artista, além de curiosa é elucidativa.

Eu peguei-me a pensar nos trabalhos que a gente passa quando se é pequeno. Vai para a doutrina (aprender doutrina na catequese), ajeita as mãos, ajoelha, joga a bola, faz aquelas coisas todas e eu peguei-me a lembrar como andava: descalço, em calções e com um casaco ou jaquetão. Toda a nossa vida em pequeno eu rememorava-a em abstracto. A gente andava assim num estilo muito confuso. E eu então começava a pensar nos joelhos, nas pernas e fiz uns calções, fiz um casaco, umas alças a puxar os calções para cima. Surgiu assim um estilo que eu idealizei a partir de algo concreto. Resumindo: fiz aquela figura a pensar em mim.

ARTISTA POLIFACETADO

Da arte abstracta José António passa para construções muito concretas que não se esgotam apenas na pintura. Na sua sala de exposições

avulta um presépio onde, para além dos animais lendários que bafejaram calor para aquecer o menino Jesus, para além de outras figuras tipicizadas como os pastores e os reis magos, para além de S. José, Nossa Senhora e dos anjos e arcanjos, sobressaiem certas figuras que o imaginário colectivo adopta em determinadas paisagens. E assim lobrigámos no presépio pescadores que de espaços a espaços lançam a cana na água, e azenhas que movem as rodas, tudo isto accionado por dispositivos eléctricos imaginados pelo seu autor. À vertente artística ajusta-se no António Carvalho uma dimensão tecnológica que o leva a produzir coisas práticas como por exemplo fazer a planta de uma casa, um automóvel movido a pilhas, uma peça de ferramentas, enfim tantas coisas que o aproximam de figura de um faz tudo.

Todos os dias eu penso fazer coisas, sempre coisas novas. Estou sempre a pensar o que hei-de fazer de diferente. Eu tenho na mente muitas coisas pensadas e não queria morrer sem as realizar. Eu tenho que ir para a cama e a minha cabeça sempre a criar ideias continuamente, ininterruptamente. Há coisas que eu faço que me ajudam a fazer outras "Vou-me por ali? Não, posso ir por acolá". Eu pego a fazer uma peça e quando a estou a fazer, surgem-me logo três ou quatro opções.

O artista Carvalhinho tem três salas a abarrotar de obras suas. Coisas, muitas coisas pintadas, paisagens, retratos e ainda um auto-retrato, esculturas, Cristos em madeira e até em corda, bustos, pelo menos duas imagens da Sr.ª de Fátima, medalhões, barcos, um automóvel que trabalha com pilhas, enfim, um mundo que o seu imaginário concebe.

A princípio eu dava tudo. Mas a partir de certa altura: "Não sou mais nada". Tenho um barco pelo qual já me ofereceram 150 contos. Não vendi. Nada agora sai daqui. Não dou nem vendo. Estou a pensar em arranjar um terreno e fazer aí uma sala onde possa meter tudo. Deixo para os meus filhos. Eu morro, mas a obra fica. Em alternativa, se houver alguém que dispusesse de um salão, eu até dava tudo. Aqui para a terra. Tenho centenas de quadros.

Um artista tem horas de trabalho ou trabalha quando qualquer coisa o afecta?

Eu, quando vejo qualquer coisa que me afecta, puxo de um papel e de um lápis que me acompanham sempre, faço um esboço e depois completo a obra em casa.

Claro que nem tudo o que José António produz, tem a nota 20. Acusa as suas limitações a que não é alheia a ausência dos ensinamentos numa escola. Pena que não a tivesse frequentado.

FAZER PELA VIDA

Pois é, mas a vida é assim mesmo. Depois que terminei a escola, fui para alfaiate. Andei em Esposende a aprender com o dr. Juvenal - ele também foi alfaiate - e depois foi o irmão que me ensinou. Eu andei ali e aprendi bem. Tive sorte. O mestre, o pai deles, era um alfaiate 100%. Eu gostava da profissão, queria ser um bom alfaiate, melhor que o meu pai e o meu irmão. Para isso fui fazer dois cursos em Lisboa. Dois cursos de corte e fiquei bem. Continuei a trabalhar e aperfeiçoei-me como alfaiate de senhoras. Então tentei montar uma fábrica de confecções em Esposende. Eu e mais outras pessoas. Ainda não sabia trabalhar muito bem em confecções. Frequentei por isso uma escola de suecos aqui em Portugal. Aprendi bem. Logo de seguida, apareceu-me em casa o banqueiro Pinto de Magalhães que arranjou em meter-me na Mantex. Estavam lá uns alemães e a fábrica produzia 6000 camisas/dia. Eu então lancei-me ao trabalho e com as mesmas meninas, com as mesmas

O BOM JESUS DE FÃO SAIU O BOM JESUS À RUA!

(Cont. da pág. 4)

FESTA DE SANTA CRUZ

A procissão com a imagem do Bom Jesus fez parte da festa da Invenção da Santa Cruz, obrigação estatutária da Irmandade.

Dantes tinha lugar a 2 e 3 de Maio. Este último dia era santificado e coincidia com o feriado nacional comemorando a descoberta do Brasil.

É constituída por uma novena, ofício pelos irmãos, confissões, missa cantada solene, comunhão dos irmãos para lucrarem a indulgência plenária – Jubileu – concedida por Bula do Papa Pio VII, de 8-3-1802. Há exposição do Santíssimo Sacramento, sermão e costuma terminar com procissão eucarística até ao cruzeiro.

A devoção à Santa Cruz provém do seguinte:

Quando o imperador romano Constantino avançou com as suas tropas contra Maxêncio, terrível perseguidor dos Cristãos, surgiu no céu refulgente uma cruz com as palavras "IN HOC SIGNO VINCES" (com este sinal vencerás). Constantino mandou gravar a cruz no seu estandarte, que passou a ser chamado LÁBARO e acabou por sair vitorioso, com a morte do imperador Maxêncio na batalha junto à ponte do rio Milvius em 312 (1) Constantino mandou que a cruz fosse adorada em todo o império e proibiu os suplícios por crucificação e publicou o edito de Milão dando liberdade de culto aos cristãos (ano de 313 d.C.).

Apesar de ter 80 anos, a mãe de Constantino, dirigiu-se a Jerusalém e mandou derrubar o templo de Venus, que o imperador Adriano mandou erguer sobre o túmulo de Cristo. Nas escavações feitas encontrou a sepultura de Jesus e perto três cruzeiros e, em separado, a insígnia da cruz de Cristo e os cravos. (Era costume, na época, enterrar os objectos do suplício com os supliciados).

A conselho do bispo de Jerusalém, S. Macário, Santa Helena fez tocar uma mulher moribunda sucessivamente nas três cruzeiros. Em contacto com a terceira cruz a doente curou-se repentina e milagrosamente: era a Vera Cruz de Cristo!

Desta relíquia Santa Helena mandou parte ao filho Constantino, com os cravos, outra à Igreja de Roma (Santa Cruz) e a porção maior colocou num estojo de prata, que entregou ao Bispo de Jerusalém. Este, por ordem de Constantino, construiu no lugar do Sepulcro um templo magnífico, consagrado em 335 (2).

Ao longo dos séculos os Papas concederam às igrejas locais fragmentos desta Cruz. Fão possui um pedacinho do Santo Lenho.

É provável que esta Festa da Santa Cruz seja celebrada em Fão já no século XVI, mesmo antes de 1564.

Em 1494, o Arcebispo de Braga, D. Martinho da Costa mandou construir em Espinho, Braga (Monte do Bom Jesus), uma Capela em honra do Bom Jesus, com concorrida romaria a 3 de Maio.

Vinte e oito anos depois (1522), estando a capela arruinada, o Deão de Braga, D. João da Guarda reconstruiu-a, reavivando o fervor dosromeiros (3).

A partir do Concílio de Freamo a devoção à Santa Cruz passou a ter especial desenvolvimento. Este Concílio efectuou-se de 1545 a 1563(4).

Tomando à letra o que afirmaram, os Mesários do Bom Jesus em 1764. Começaram a festejar a devoção à paixão de Cristo e Invenção da Santa Cruz há mais de 200 anos, isto é, antes de 1564.

Quando Diogo Mendes e sua mulher Ildóncea doaram a Vila Rural de Fão ao Convento do Salvador a Santa Maria de Guimarães não referem a existência de qualquer igreja em Fão, mas invocam S. Paio. Sabe-se que a Igreja de S. Paio de Fão já existia em 1059. No seu adro formou-se o cemitério, que só pode ser Necrópole das Barreiras (5).

Abandonada no século XIV, não só pela invasão das areias, que já vinha desde 1200, mas, a meu ver,

pela terrível PESTE NEGRA, que de 1348 a 1350, dizimou grande parte da população europeia cerca 1/3.

Portugal foi severamente atingido em todas as regiões, sendo as mais sacrificadas as da beira-mar. O mal foi trazido pelas pulgas, que infestavam os ratos, trazidos nos barcos genoveses, que, carregados de especiarias vieram da Crimeia ou portos do Médio Oriente. Foram sendo sucessivamente expulsos dos portos onde tocavam e vieram até à Península Hispânica (6).

Fão era um porto marítimo e, portanto, mais sujeito ao contágio.

Deve ter sofrido uma razia na sua população e daí o abandono.

Os sobreviventes construíram mais a sul uma pequena igreja (cerca de sete metros de largo), dedicada a S. Paio (7). Ficava no lado sul, da actual Rua das Pedreiras, a uns 50 metros da ligação com a EN13. O lugar passou a chamar-se São Paio. Ainda há vestígios da fachada, podendo-se ver de onde arrancaram a pedra de cantaria lavrada para venda, há alguns anos. O brasão da fachada levou-o o senhor Rodrigues de Faria, para a quinta de Curvos-Forjães (8).

Estava transformada em armazém agrícola. Consta como tal a carta do Estado Maior do Exército Português.

Quando "acharam" a imagem do senhor Bom Jesus de Fão, diz a tradição que a colocaram num nicho de madeira e, mais tarde, construíram uma ermida(9), com a fachada voltada ao sul (para o lugar de S. Paio).

Da capela saía a Rua do Bom Jesus (em 1919 Rua da Cruz e agora Rua Campos Morais), que devia ligar à actual da Camareira (parece mesmo que ainda era a Rua do Bom Jesus) e esta atingia a Igreja de S. Paio.

Em frente à Rua das Pedreiras sai um caminho em direcção ao cemitério, que entronca no Caminho de Santo António, que vem a QN13, no Rego da Cruz.

A entrada para o Adro e Capela da Boa Morte era por este caminho.

A zona entre S. Paio e a Alameda sofreu modificação no século passado com a abertura da estrada Apúlia-Fão (EN13) (1880) para acesso à ponte, que ia ser construída, com a abertura da Rua Serpa Pinto (1893/94) e com a construção do Cemitério (1873). Foi nessa época que a Câmara Municipal mudou o cruzeiro (1871).

Com o repovoamento de Fão, junto ao rio, a partir de D. João I (1412), houve necessidade de construir uma igreja maior, o que teve lugar em 1587, reinava D. Filipe I(10). A Capela, com início em 1711, voltaram a fachada principal para o novo centro de Fão, como era natural.

Suponho que a ermida seria anterior a 1587, mesmo a 1564 e foi em data próxima dessa que começou em Fão a Festa de Santa Cruz.

NOTAS: (1) *Hoje Ponte Mole, sobre o Tibre, a 3 km de Roma.* (2) *Manual do Cristão, de Coffin-Rio de Janeiro 1912. Compêndio de História Universal de António G. Matos. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. A festa teve início em Constantinopla no século V no aniversário da descoberta a 14-9-320. A cruz foi roubada de Jerusalém em 611 por CHOSROASII, da Pérsia e recuperada em 628 por Heraclio, que a recolocou no seu lugar a 3 de Maio de 629. A festa passou a ser celebrada no Ocidente no século VII, sendo à da Invenção a 3 de Maio e da Exaltação a 14 de Setembro. Na reforma litúrgica de 1964 passou a haver uma só festa a 14 de Setembro.* (3) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.* (4) *Renascer de Novo, n.º 196, Abril de 1996.* (5) *Boletim Cultural de Esposende n.º 13/14, Dr. Brochado de Almeida e n.º 17, mesmo autor e outros e O Fangeiro, n.º 24, de 1-2-1959, coronel Zeferino Sequeira.* (6) *História da Idade Média e Moderna, Maria Luísa*

Guerra. (7) *Já não existia como capela em Maio de 1758, B. Cultural de Esposende n.º 5, Junho de 1984.* (8) *Informação do amigo Senhor José Ramos da Silva.* (9) *"Avante", n.º 4, de 11-11-1917.* (10) *Dr. Manuel Penteador Neiva, "O Novo Fangeiro", n.º 140.*

CARLOS MARIZ

UM ARTISTA APULIENSE APRESENTA-SE

(Cont. da pág. 7)

máquinas e no mesmo espaço de tempo, começámos a fazer 10 mil e trezentas camisas/dia. Sentia-me bem e ganhei lá muito dinheiro. Apliquei aí a minha experiência de desenho e cheguei a ter o melhor ordenado da fábrica. Isto quanto a artifícios. Mas, apesar de tudo, nunca abandonei a arte.

POR TRÁS DE UM GRANDE HOMEM...

Pois é. A minha mulher tem toda a paciência deste mundo. Eu posso perder uma noite inteira à volta dos meus "bonecos" que ela não se zanga. Resigna-se. Eu tenho uma imagem de Nossa Senhora que guardo no 1.º andar. Mede



Também faz automoveizinhos... que andam

um metro e vinte. Eu fiz aquela estatueta no meu começo de casado. A minha mulher estava deitada na cama e eu sentado em cima de umas mantas, estendidas no chão, a cavacar, sempre a cavacar. Às vezes perdia uma noite inteira sem ir à cama, sempre entusiasmado com o meu trabalho. Ela pedia-me para me ir deitar e eu só lh dizia: "tem paciência". E tinha. Numa palavra: ajuda-me muito.

*E agora como vai ser com a aposentação?
Comigo não se aposenta.*

CONFIANÇA

*Não feches as janelas do teu rosto,
Olha o céu azulado...
Não voltes tuas costas ao luar,
Não penses no desgosto
Que te deixou assim acabrunhado
E quase que a chorar...
E depois do sol-posto,
Espera confiante a madrugada
Com aves a cantar...
E pensa e acredita,
Que dessa escura noite enevoada,
Vai surgir essa luz que necessita
A tua alma triste, amargurada*

DINIS DE VILARELHO

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO DIOSPIRO

(Continuado do número anterior)

A sensibilidade ao frio, à humidade e à secura é elevada.

É usado tanto como porta-enxerto de variedades adstringentes como doces, ainda que tenha mostrado alguns sintomas de menos boa afinidade com estas últimas (ex-Puyu), e boa afinidade com Hna Fuyu, Izu, O'Gosho, e Suruga. As plantas resultantes são vigorosas, uniformes e induz boa precocidade e produtividade.

A germinação das sementes pode ser algo difícil, o que se poderá contornar por estágio em câmara frigorífica a +5 graus durante um mês, ou rapando um pouco da epiderme da semente.

Apresenta flores poligâmicas, e frutos pequenos e adstringentes.

DIOSPYROS virginiana – É uma espécie que se encontra no estado espontâneo nos EUA, caracterizada por uma raiz pivotante (que logo em viveiro é necessário despontar) e rugosa, e por se tratar de uma polinizadora, e que induz grande vigor vegetativo ao enxerto podendo a árvore atingir até 15 a 20 metros de altura. As flores são poligâmicas-dióicas, e o fruto muito pequeno de formato esférico.

As sementes são caracterizadas por longos períodos de dormência, pelo que é aconselhável estratificá-las com areia, du-

rante um período de 60 dias a 10 graus.

Este porta-enxerto prefere terrenos de pH sub-ácido, e suporta bem terrenos húmidos e com ou sem água estagnada.

É resistente a baixas temperaturas do inverno. As plantas a que dá origem não são muito uniformes em vigor e em forma. É resistente ao cancro do colo, mas é susceptível aos ataques do nemátodo *Tylenchus semipenetrans*.

DIOSPYROS lotus – É o porta-enxerto mais conhecido (porque ali vegeta espontaneamente) nas zonas de clima temperado entre o Mar Negro e o Japão. Imprime ao enxerto um grande vigor vegetativo, pouco inferior ao do D. Virginiana. As raízes (não pivotantes) têm uma epiderme fina e lisa e o tronco ligeiras fissuras superficiais de cor cinzenta. As folhas são ovais e longas de cor verde escuro brilhante, e as flores são poligâmicas-dióicas.

Os frutos são globosos do tamanho de uma cereja, com as sementes reniformes de cor castanho claro, ocupando quase todo o endocarpo.

É dotado de uma forte resistência às temperaturas baixas do inverno, à secura e à alcalinidade dos solos, e ligeiramente sensível ao *Pseudomas*.

As sementeiras deste porta-enxertos têm um elevado índice de germinações, desde que postas em areia húmida a +5 graus durante cerca de três meses. Resultam sementeiras de plantas uniformes, e depois de adultas são pouco polinizadoras.

Tem boa eficiência de quantia com variedades doces a colheita tais como Hand Fuyu e O'Gosho.

Existem métodos colorimétricos que permitem identificar cada um destes três porta-enxertos aqui citados. Trata-se de analisar a coloração do líquido (água destilada) em que se encontram em solução pedaços do cortex da raiz e do tronco.

3.3 – APARELHO RADICAL

As raízes do D. lotus apresentam-se grossas e grandes com funções de penetração no terreno e de sustentação da árvore, caracterizadas por pouca flexibilidade. Na zona próxima da inserção no tronco existe um grande número de raízes com um ângulo geotrópico que pode atingir 80 graus em relação ao eixo da planta, cheias de bifurcações e de ramificações.

As raízes mais finas não são, em proporção, tão abundantes, mostrando-se muito superficiais e quase horizontais, explorando uma parcela de terra que raramente ultrapassa 1 m de profundidade mas pode

estender-se até 2,5 m de distância do tronco da árvore.

O aparelho radical não extravasa a área coberta pela projecção da parte aérea da planta (quando conduzida em forma livre). Todo o sistema encontra-se num volume de terra compreensivo entre a superfície e 1,5 m de profundidade, o que demonstra uma excelente adequação e adaptação a solos argilo-arenosos, com um comportamento claramente medíocre em solos muito argilosos ou muito arenosos.

3.4 – PROPAGAÇÃO

A propagação dos porta-enxertos pode-se fazer por diversos métodos que vão desde os mais modernos tais como a cultura de tecidos e outras técnicas *in vitro* utilizadas por viveiristas especializados até à propagação por semente, por rebento ou por talo.

3.4.1 – PROPAGAÇÃO POR SEMENTE

A propagação por semente é a mais antiga como é bom de esperar.

Os frutos do porta-enxertos são bem amadurecidos na árvore ou em local fresco, sombreado, seco e arejado para depois serem extraídas as sementes que se colocam de modo a secarem ou estratificadas em areia permanentemente húmida em local onde a temperatura possa ser quase constante até ao momento da sementeira (fim de Fevereiro, início de Março).

A sementeira é feita quando as temperaturas da Primavera começam a subir devido à elevada sensibilidade das plantas ao frio, colocando as sementes a 3-4 cm de profundidade em cama de areia misturada com terra fina e terriço ou turfa, em local ligeiramente sombreado.

Pode recorrer-se aos diversos métodos de aceleração da germinação por tratamentos efectuados sobre as sementes em fase anterior à sementeira.

Efectua-se a transplantação para viveiro quando as plantas atingem 15 a 20 cm de altura. Este viveiro deve ter terra solta e bem trabalhada, em que se enterraram grandes quantidades de estrume e superfosfato de cálcio, permeável, profunda e promovida de meios de rega.

A operação de transplantação sempre muito delicada, poderá ser facilitada quando a sementeira foi feita em alvéolos de cartão (paperpot) com terriço, permitindo que a planta seja transplantada acompanhada do substrato de germinação.

(Continua no próximo número)

DE APÚLIA

E TUDO O TEMPO MUDOU – O "paul" do "Saraiva", outrora quando verdejante e limpo, era o refúgio e o paraíso da pequenada nos meses quentes de verão. Enquadrado na paisagem verde-escuro dos salgueiros que bordejavam os dois ribeiros que o delimitavam a norte e a sul, com a azenha pendurada lá no topo da parte leste, está hoje transformada em estaleiro de equipamento pesado, retirado de obras que foram feitas ali ao lado, e que apodrecem o solo e o ambiente.

A azenha, que naquele local podia ser uma das memórias vivas da Apúlia antiga, desapareceu para dar lugar a uma pequena vivenda; o ribeiro do lado norte, por onde seguia até ao mar a água que dava vida à azenha e a fazia mover, também desapareceu, entulhado de detritos e areia, pela mão do homem. O espaço ficou assim mais curto e mais sujo, coberto de silvas e de lixo.

Para agravar tudo isto, o ribeiro do lado sul é o vazadoiro de águas fétidas e poluídas que, junto à praia, já deram motivo a reportagem televisiva.

Está provado, não somos capazes de preservar nada de interesse histórico, do muito que nos foi deixado pelos que nos antecederam.

Os moinhos da parte sul também já foram todos, destruídos pelo vento e pelo mar, eles que resistiram muitas dezenas de anos a muitas investidas do mar e dos ventos.

Mas nesse tempo, e não importa com que interesses, o homem estava com eles.

Mas voltando à maquinaria, transformada em montões de sucata, que ali permanece abandonada, ali a dois passos da principal praia de banhos de Apúlia, e que polui e estraga o meio ambiente, não seria tempo da área para a

paisagem protegida de Esposende, convidar os seus proprietários a proceder a sua remoção para outras paragens?

Para a terra deles, por exemplo.

FUTEBOL – O último jogo disputado pelo Grupo Desportivo de Apúlia, no seu campo, para a Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga, constituiu a vitória mais amarga do seu historial de quase trinta anos.

Os 5-1 dados ao Cabeceirense, não chegaram para a manutenção do nosso representante, que assim desceu à primeira divisão da Associação de Futebol de Braga.

Nos 30 jogos efectuados, o Apúlia ganhou 8, empatou 9 e perdeu 13, marcou 31 golos e sofreu 33.

Na classificação geral, o 1.º foi o Águias da Graça, com 59 pontos, o Apúlia o 14.º, com 33 pontos.

Curioso, com 33 pontos também se classificou o Briteiros, que também desceu em 13.º, o Celeiros em 12.º e o Airão em 11.º, que se mantiveram. Por simples curiosidade, também atente-se, no tempo e no marcador do Celeirós marcou no 1.º minuto de jogo, aos 36, 56, 85, 86 e 90.

Ainda, por curiosidade, compara-se o tempo e o marcador do Apúlia, e que foi o golo do último minuto, quando, o jogo do Apúlia já tinha acabado, que permitiu ao Celeirós a manutenção na Divisão de Honra.

Mas nada de suspeições, isto é, apenas, um exercício de memória e de coincidências.

FALECIMENTO – Já há bastante tempo doente, faleceu no dia 21 do passado mês de

Maio, no lugar de Criaz, a Senhora Joaquina Martins de Oliveira, nascida em 4 de Dezembro de 1918.

Era filha de José Joaquim Fernandes de Oliveira e de Maria Martins do Monte e casada com Manuel Gomes alves de Carvalho.

As nossas condolências para os seus familiares.

BANDEIRA AZUL – É o símbolo de águas e areias limpas e despoluídas. É a ambição de todas as praias.

Mais um ano que as praias de Apúlia merecem a atribuição desse símbolo. No concelho de Esposende, cheio de praias, só 3 tiveram direito a esse galardão.

Temos que nos regozijar com o facto de Apúlia estar nesse número, mas, ao mesmo tempo, lamentar que outras, que sempre mereceram esse símbolo de qualidade, tenham sido este ano das excluídas.

A talhe de foice, deve dizer-se que as nossas principais praias estão impecavelmente limpas.

Desde os primeiros dias do mês de Maio que os banheiros a quem as mesmas estão consignadas, se têm devotado, diariamente à sua limpeza, este ano mais difícil e demorada, devido às muitas cheias do último inverno.

COLECÇÃO DE MINIATURAS DE FERNANDO PAIS MOREIRA

O Museu Municipal de Esposende inaugurou no dia 3 de Junho uma interessante colecção de Miniaturas de gatos, executados aos mais diversos materiais, nomeadamente porcelana, vidro, prata, ouro, cristal e terracota, e que são propriedade do coleccionador e antiquário, Fernando Pais Moreira, de Braga.

Para além das miniaturas, apresentam-se ainda alguns desenhos e óleos onde o gesto é protagonista e que são pertença do mesmo coleccionador. Destaque para os trabalhos de Roberto Chichorro, Alfredo Luz e José Luís Tinoco.

Esta exposição está aberta ao público na sala dos azulejos do Museu Municipal de 3 a 30 de Junho e a entrada é gratuita.

O horário de Museu o seguinte:

De terça a sexta: das 10.00 h às 12.00 h e das 14.00 h às 18.00 h.

Sábado e domingo: das 11.00 h às 18.00 horas.

Encerrado às segunda e aos feriados.

AGRADECIMENTO

A família de Maria Rosa da Silva, recentemente falecida, vem por este meio agradecer todas as provas de amizade e consideração que lhe foram manifestadas por ocasião do passamento do seu ente querido.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

VAMOS COMER O LIXO? (Continuado da pág. 12)

— A resolução para o problema dos RSU compete à sociedade, e a sociedade somos nós todos.

Somos, pois, nós que temos a obrigação de nos organizarmos para estudar os meios de resolver eficazmente o problema.

E já agora, outra verdade: O LIXO PODE SER RIQUEZA!

Alguns exemplos:

— Os detritos orgânicos, tais como restos de alimentos, podem transformar-se num bom adubo para os nossos campos;

— Os metais, tais como latas de cerveja, refrigerantes, etc., podem ser encaminhados para fornos eléctricos onde são transformados (reciclados), dando origem a novas embalagens metálicas;

— Os plásticos, podem também ser reciclados em novos produtos plásticos ou então ser utilizados como combustível (convém lembrar que o plástico provém do petróleo e que Um quilo de plástico tem mais poder calórico do que um quilo de carvão);

— Do papel e do cartão pode fabricar-se novo papel e novo cartão; e assim sucessivamente...

Aquilo que não puder ser valorizado, quer por transformação em adubo, quer por reciclagem do mesmo material ou térmica deverá então ser convenientemente depositado em ATERROS SANITÁRIOS. No entanto há que ter presente que ATERROS SANITÁRIOS, NÃO SÃO LIXEIRAS.

Sobre este tema vai realizar-se num dos auditórios de Esposende, durante o mês de Julho, uma conferência seguida de debate. Esta conferência estará a cargo de um dos maiores especialistas desta matéria em Portugal, o dr. Carlos da Silva Campos, e espera-se que venha a ter a presença dos responsáveis do poder autárquico, nomeadamente do dr. Tito Evangelista e Sá, presidente da Câmara Municipal.

Daqui gostaria de apelar a uma participação massiva dos habitantes do Concelho, no sentido de proporcionar o esclarecimento que esta polémica exige.

É fácil criticar, protestar contra as lixeiras e barrar o caminho aos camiões! Vamos ver se a população do concelho de Esposende mostra o mesmo interesse e disponibilidade para participar neste evento e aí levantar as suas questões, contribuindo assim para a resolução deste tão momentosos problema, a fim de ficarmos com a certeza de que, no futuro, NÃO VAMOS COMER O LIXO.

XXI ENCONTRO DE ANTIGOS JOCISTAS

Com a concentração combinada para a Pousada da Juventude, do dia 26 de Maio, todos os participantes deste XXI Encontro seguiram com seus estandartes pela Alameda fora, passaram pela Rua Padre Alaio, entraram de novo na Azevedo Coutinho em direcção ao Largo Avelino Carneiro, seguiram a rua dos Bombeiros, inflectiram sobre a Rua Amorim Campos até ao Salão Paroquial onde se concentraram para a sessão das boas-vindas que lhes foram dadas pelo organizador do Encontro, Belmiro Viana. Entre os presentes encontrava-se o primeiro presidente da JOC de Fão, Carlos Barra Reis. Entrevieram depois vários oradores, todos aludindo à finalidade destes encontros, tendo encerrado a sessão o reverendo arcepreste e pároco local, P.e José Vilar.

Celebrou-se depois a Eucaristia que foi participada com orações e cânticos por todos os presentes. Findos os actos religiosos os antigos jocistas demandaram de novo o arvoredo da Alameda, sob cujas árvores decorreu um animado almoço. Pelas 15.30 h dá-se o regresso de novo ao Salão Paroquial onde se desenrolou uma tarde recreativa que decorreu com muita alegria e animação. Entrou a abrir o grupo dos antigos jocistas de Fão que com os seus cânticos e instrumentos deliciaram os convivas que muito os aplaudiram. No final não faltou o Fão, linda terra minha, com a letra espalhada pelos presentes que acompanharam em coro.

Seguiram-se actuações de grupos de outras terras, não se podendo esquecer o grande artista Duque de Saúde (Taipas). Estavam presentes representantes de Barcelos, Guimarães, Viana do Castelo, Bairros, Sande, Caldas da Taipas, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, S. Torcato, Famalicão, Coimbra e um representante de Lisboa.

Foi um dia inesquecível para Fão com as ruas cheias de gente. Fão precisa de iniciativas como esta que trazem movimento, animação à terra.

Tudo correu muito bem, pelo que os seus organizadores estão de parabéns.

A alma do mais humilde operário vale mais que todo o ouro do mundo (Cardajin). Este sacerdote, fundador da JOC, foi lembrado, bem como o Pe Abel Varzim, que foi considerado o Cardajin português.

A. VIANA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - (02) 6004690

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 961566

NOTÍCIAS DA SANTA CASA

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Fão deslocou-se a Évora para participar no Congresso da União das Misericórdias, onde expôs os problemas com que se debate a nossa Misericórdia.

 **Optica**

**GABINETE
DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA**

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, L.^{DA}

**SOL/96
NOVIDADES
EXCLUSIVOS**

VAMOS COMER O LIXO

Por A. MIQUELINO

A dona de casa, findo o jantar, acondiciona todo o lixo do dia dentro de um saco de plástico e põe-no à porta de casa. Depois, como Pilatos lava as mãos e fica com a consciência tranquila em frente ao televisor. **ESTÁ RESOLVIDO O PROBLEMA DO LIXO!**

Pensamos ingenuamente que, com este procedimento resolvemos o problema. Alguma vez nos temos preocupado, gastando alguns minutos do nosso tempo a pensar onde vai aquele pacote vazio de margarina, aquela embalagem de iogurte, aquele resto de arroz, aquelas folhas de couve, aquela lata de cerveja, aquela caixa de cartão, etc., etc.?

Pois é: quando a dona de casa põe o tal saquinho à porta, é que **COMEÇA O PROBLEMA DO LIXO!**

Imaginemos, apenas à laia de exercício mental, que a Câmara lançava uma postura municipal a dizer: "Meus Senhores, não recolhemos mais lixo; têm que guardá-lo em vossas casas, pois a partir de hoje é proibido pô-lo à porta ou lançá-lo à rua".

Aqui d'el Rei! Como vamos viver com este cheirete! Onde vou guardar tanto lixo? Oh da guarda!

Depois há ainda a moda tanto em voga, de barrar as estradas para não deixar passar os camiões do lixo, porque os "malandros" destas ou daquela autarquia querem fazer uma lixeira à beira do meu quintal.

Com este mal alinhavado arrazoado, chegamos a duas conclusões muito simples:

- A sociedade produz diariamente quantidade enormes de RSU - Resíduos Sólidos Urbanos (a que vulgarmente se chama lixo).

(Continua na pág. 11)

REABERTURA DO MUSEU DE SOARES DOS REIS PRESENTE A COLECÇÃO PÁDUA RAMOS

Reabriu no Porto, em 18 de Maio último este Museu, riquíssimo repositório de pintura e escultura dos séculos XIX e XX. E reabriu da forma mais auspiciosa: com a exposição de duas excelentes colecções particulares: a do doutor Mário Soares e a do arquitecto Pádua Ramos.

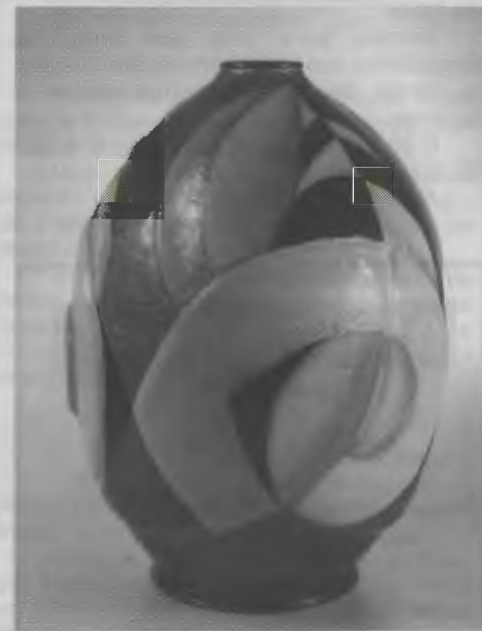
E se, em subtítulo, mencionámos esta última, isso não implica qualquer demérito para a primeira, mas tão somente o orgulho de constatar a projecção sempre crescente e o implícito reconhecimento do valor de um artista com tantas raízes em Fão, aqui tão ligado, um "quase-fangueiro" que todos admiramos e que sentimos um pouco "nosso".

A sessão de reabertura do Museu teve lugar pelas 12.30 horas, com a presença do senhor Ministro da Cultura, doutor Manuel Maria Carrilho, doutores Simonetta Luz Afonso, directora do Instituto Português de Museus e Mónica Baldaque, directora do Museu a reabrir, dos dois coleccionadores exositores e respectivas esposas, encontrando-se ainda presentes figuras de relevo nas Artes e Letras, tais como mestre Júlio Resende, arquitecto Fernando Távora, responsável pela remodelação do Museu, Agustina Bessa Luís, entre outros.

A colecção Mário Soares é composta por 90 quadros e tem duas vertentes: uma, são retratos do próprio, pintados por Júlio Resende, Júlio Pomar, etc. Outra, quadros de vários autores e vários temas, de Almada Negreiros a Vieira da Silva, José de Guimarães, etc., sendo notável a diversidade de tendências artísticas representadas o que demonstra, como foi dito na altura, a abertura do doutor Mário Soares às correntes de pintura mais inovadoras.

A colecção Pádua Ramos integra 130 peças belíssimas, em vidro, cerâmica ou esmalte que constituíram a exposição "Um Século de Artes do Fogo - 1890-1990" e que é uma aliciante forma de nos fazer viajar no tempo, desde a época do "Art Nouveau", passando pelos dias conturbados da II Guerra Mundial, até aos "arts Déco" e experiências pós-modernista.

Como oportunamente aqui noticiámos, esta colecção mereceu as honras de dois convites. O primeiro do Museu Nacional do Azulejo, onde permaneceu vários meses, integrada na Lisboa-



Camille Fauré - Jarra, forma "Luclen", decoração "Vitelius". Cerca de 1926-30. Esmalte sobre cobre. A 20 Ø 21,4 cm. Assinado C. Fauré, Limoges

-Capital da Cultura/94. Depois, e porque a fama ultrapassou fronteiras, o segundo veio do Centro Cultural de Hesselhuis, em Antuérpia, um dos mais prestigiados espaços culturais europeus, onde durante mais de três meses, foi vista e apreciada por um público numeroso e conhecedor.

Como disse a doutora Simonetta Luz Afonso, "o arquitecto Pádua Ramos mergulhou no fascínio do misterioso mundo do vidro". E, comentamos nós: em boa hora o fez!

A colecção Mário Soares estará exposta durante um mês e a colecção Pádua Ramos até ao final de Setembro.

Vale a pena uma deslocação até ao Museu Soares dos Reis. É uma viagem que compensa. Porque o que ali está é arte. Cada quadro, cada

(Continua na pág. 3)

O FUTEBOL E A LEITURA

Por ARMANDO SARAIVA

(CONCUSÃO)

ENLACE ENTRE LEITURA E CULTURA

A leitura é uma forma de aquisição de cultura, talvez aquela que maior quantidade de saberes carrega para o indivíduo. O jovem hoje prefere a televisão, o vídeo, o giradisco, ainda a banda desenhada e a história dos quadrinhos. No entanto a prática da leitura ou antes o acto de leitura impõe-se pela sua comodidade e simplicidade a outros meios de aquisição de conhecimentos. Um livro leva-se para onde se quiser: para uma viagem, para os hotéis, para a mesa de um café, para o banco de um jardim, afinal, para todos os lados. Um texto manuseia-se ad-libitum: lê-se, analisa-se, volta-se para trás, adiantam-se as páginas, demora-se todo o

tempo para uma exacta hermenêutica, o que não acontece com a televisão ou a rádio.

Poder-se-á dizer que a leitura dos jonaís desportivos é de certa maneira específica, pois confere aos que os lêem determinada temática. Não nos parece ser exactamente assim: criado o hábito da leitura, a mente humana espraia-se depois sobre matérias mais vastas que o desporto, passando por cima dos obstáculos que no dizer da Maria Bernardete Herdeiro (3) impedem a difusão do hábito da leitura, quais são: o preço elevado dos jornais e livros, a disponibilidade física e mental e o domínio da linguagem.

É o que acontece com os leitores dos temas desportivos. Ficam com o hábito de ler, pelo menos não se verifica neles a preguiça mental dos analfabetos e assim a sua atenção aceita ou propende para outras leituras que já não são

apenas futebolísticas. Abre-se para outras formas de saber.

Somos assim levados a aceitar que o futebol, porque obriga o indivíduo a ler, contribui igualmente para não esmorecer nele o hábito da leitura, e de certo modo para o aculturar.

BIBLIOGRAFIA

- A Tribo do Futebol de Desmond Morris

O DESPORTO

- José Esteves

PROBLEMATICA DA LEITURA

- Jacinto Prado Coelho

(3) Problematika da leitura de Jacinto Prado Coelho.